

# O Potiguar

Ano III Nº 18

Março/Abril 2000

Distribuição Gratuita



## O descobrimento do Brasil





## CAIRITIAIS

Goiânia, 31 de março de 2000.

Estimado Jornalista João Gothardo,  
Editor do Jornal *O Potiguar*.

Dois dias após o lançamento do livro *MÍTICA* de Stella Leonardos, em reunião festiva no Centro Cultural Altamiro de Moura Pacheco, a autora homenageou alguns goianos e, também, recebeu homenagens.

Eis algumas das várias fotos, anexo à carta, nas quais mostamos o último número de *O Potiguar*.

Quatro exemplares foram doados para instituições culturais, entre elas:

União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro - através da Secretária Geral, Escritora Stella Leonardos;  
Academia Goiana de Letras - Presidente José Fernandes;

Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico - Presidente Nasr Nagib Fayad Chaul;

Conselho Estadual de Cultura - o recém eleito membro, o médico potiguar, Dr. Getúlio Araújo.

Excelente comemoração do dia da Poesia e, ainda, dia do vendedor de livros - 14 de março - com o lançamento do livro de Stella Leonardos, e dia 16, comemoração do aniversário do saudoso e benemérito Altamiro de Moura Pacheco (105).

Com freqüência, estou revisitando números antigos de *O Potiguar*.

Creia, pois, na minha admiração crescente pelo seu trabalho e no reconhecimento por seus méritos.

Com o mais vivo apreço intelectual e o meu abraço fraterno,

Alice Spíndola



Escritora Alice Spíndola, mostrando *O Potiguar*, ladeada pela Escritora Stella Leonardos e pelo professor José Fernandes, Presidente da Academia Goiana de Letras, nas comemorações do Dia Nacional da Poesia. Foto de Nelson Santos.



Nasr Chaul, Presidente da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico e a escritora Alice Spíndola no Centro Cultural Altamiro de Moura Pacheco da Academia Goiana de Letras. Foto de Nelson Santos.

### EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D.Emerenciano	-J. M. Vieira
Editor	Capa
-Moura Neto	-Adrovando Claro
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D.Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste

**O Potiguar**

Avenida Prudente de Morais, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

# NATALSOL

**VIAGENS & TURISMO LTDA**  
EMBRATUR 08955-00-41-8

Rua Trairi (em frente ao Camarão do Olavo)  
Fone: 211-5529 - Fax: 211-2509



## CACTUS

**P**rimeiro foi a escolha do terreno.

Mais tarde a derrubada. Depois a limpa.

Por último o plantio.

Os melhores agricultores ali estavam reunidos, num bloco forte, plantando uma revista, cercando um terreno fértil, colhendo frutos que antes os meninos levavam, os passarinhos destruíam, o tempo acabava.

Os melhores meeiros foram requisitados.

Os bons moradores apontados e incitados.

E o trabalho foi iniciado debaixo de uma chuva boa de água do céu e duma chuva azeda de descrença da terra.

Mas, aí está Cactus, segura por Newton, Afonso e Negreiros.

Aí está Cactus cuidada por Ivan, Berilo e Veríssimo.

Aí está Cactus sustentada pelos coronéis Otto, Edgar, Moacir e Alvamar.

Walflan fica de sentinela na guarita oeste, Arnóbio na de leste, Manoel Rodrigues na do sul e no Portão das Armas, Raimundo Nonato, Deífilo, os Luizes Rabelo e Maranhão, sendo Major Grimaldi a

Sentinela Coberta.

Na enfermaria Zila e Myriam.

E no terreno do 1º Grupo do 3º Regimento de Defesa Bem-Cultural

queimada na canícula e tomam, de novo, as ferramentas agrícolas e outra vez plantam, juntam, botam semente para secar.

Temos a nossa revista.

Você, que não é daqui, volte a sua terra e diga que nós já temos a nossa revista.

Você, que é daqui, assuma parcela de responsabilidade; na empreitada de Cactus, colabore no que estiver ao seu alcance e ajude, ajude.

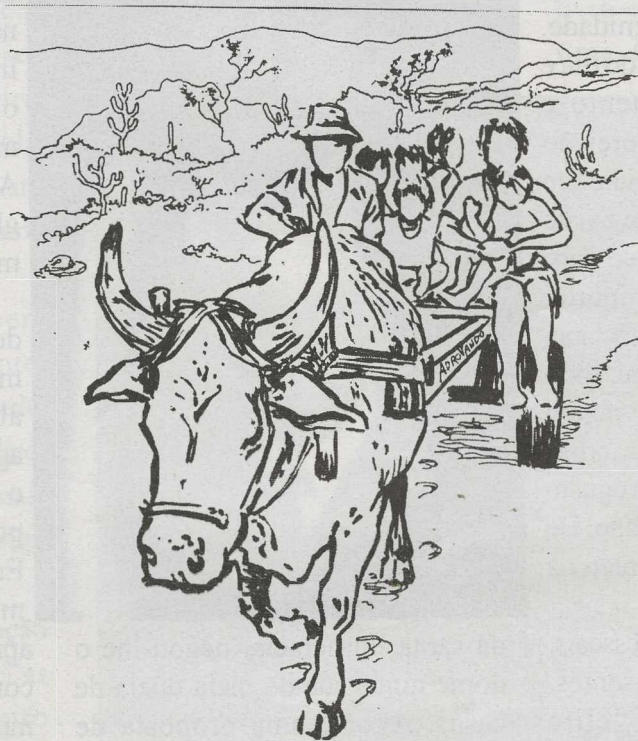
A luta dos fundadores de Cactus, não é uma luta isolada, uma luta de ambição, uma luta de estrelismo.

É uma luta de todos nós, que na Escola aprendemos que Castro Alves morreu aos 24 anos e Pedro I gritou o Independência ou Morte, aos 25.

É uma luta que diz respeito a um inquebrantável tabu, agora estremecendo de medo, vendo tanto Cactus, tantas pás e tantas sentinelas, juntamente numa época em que ele, tabu, batia palmas à inflação, ao aumento do custo-de-vida e ao sacrifício geral de um povo.

Natal, 20-01-59

*Afranio Pires Lemos*



os melhores colonos vão fazendo covas, limpando enxadas, fazendo das tripas coração, certos de que seus filhos e os filhos de seus filhos não poderão passar pela desdita de saber que, um dia, em Natal, Cactus foi fundada e eles não souberam mantê-la. Só em pensar nisso um filete de coragem corre pela face

## Compromisso com a Comunidade

Saraus e Tardes Musicais . Grupo de Teatro e Coral . Atividades de Expressão Corporal . Feiras e Exposições . Ciclos de Palestras .  
Cursos nas diversas áreas: . Artística . Informática . Línguas Estrangeiras . Literatura . Cultura Geral .



De Parceria com o Rio Grande do Norte



**UnATI**

Universidade Aberta  
para a Terceira Idade

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E  
AÇÃO COMUNITÁRIA

Rua. Seridó, 419 - Petrópolis Informações: UnATI: 215-1105 Disque Extensão: 215-1104 Fax: 215-1137



## Dez anos depois

**R**io de Janeiro, 20 de junho de 1987. O telefone toca, na manhã cinzenta da cidade. A notícia vem de Natal. Meu pai acabara de falecer, após longa e sofrida enfermidade. Esqueço os compromissos do dia e recolho-me em pensamento e lágrimas. Poucas vezes chorei tão profundamente em minha vida. Era o esperado. No entanto, não existe nada exato no sentimento humano.

Pouco depois, no Aeroporto, encontro meu irmão Júnio Graciano, vindo de Vitória e, como eu, indo para Natal. No avião, uma viagem de silêncio e, no meu caso, coisa rara, sem temor. No velho Augusto Severo, nos esperava Justiniano. De lá, até o velório, para o abraço na mãe e a última noite.

São coisas por demais pessoais. Contudo, nos tempos presentes, diante do silêncio da “elite dominante”, plutocrata ou serviçal, a lembrança do nome de Esmeraldo Siqueira, nos dez anos da sua morte, é tarefa dos filhos, alguns parentes e amigos. Fosse um bajulador de plantão, os foguetes estariam no ar. Ao contrário, a intolerância de fascistas e ignorantes, no jogo mesquinho da politicalha paroquial, insiste no desrespeito.

O alcaide anterior, por motivos



da santa burocracia, negou-lhe o nome numa rua de meia dúzia de casas. Agora, uma proposta de homenagem é alvo da mais vil sabotagem, da parte de desclassificados intelectuais e eticamente.

Creio que, vivo fosse, Esmeraldo Siqueira, no seu exílio interno, tudo desprezaria. Iria mais longe: “não toquem no meu nome!” Mas, “é infâmia demais”. Principalmente, em relação a um homem que, na hora de decidir pela

democracia, deu seu voto a adversários políticos. Infelizes os que não conhecem a história.

É verdade que não posso, nem estou a escrever com a “necessária neutralidade”. Da mesa, vejo seus livros na estante. Arrumados com o carinho de minha mãe. Servem a mim. Ficarão para os netos. Atravessarão o tempo. Essa a glória que procurou. Ao mais, o mais solene desprezo.

Por fim, no espaço exíguo deste artigo, exijo respeito à sua memória. Ao pai que jamais nos abandonou. Querem torturar, agredir, mutilar? Pois que torturem o filho. O que não será, nem um pouco, novidade. Quanto a Esmeraldo Siqueira, se forem minimamente capazes, procurem aprender com suas lições de vida, com sua dignidade que atravessa a morte.

Muitos me abordam, nas ruas da nossa cidade, e dizem com a sinceridade dos humildes: aquele viveu e morreu como um homem, inteligente, culto e digno.

Quantos terão tão poderoso e espontâneo epitáfio?

Natal, 16 de junho de 1997.

*Juliano Siqueira*

VEREADOR PT

**OLEGÁRIO**

MANDATO VIVO

VEREADOR

**Juliano Siqueira**

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR

PCdoB



## A propósito de Caldas

**A**utor de uma obra ampla e múltipla, João Lins Caldas sentia-se, como escritor, cidadão de uma comunidade maior que o Assu, cidade que considerava o seu inferno na terra. Chico Traíra, mestre do improvisado e da viola, recorda que o poeta sentia-se, em contato com a vida, uma espécie de “sábio da Grécia antiga”.

Embora conversassem cordialmente, em seus freqüentes encontros pelas ruas da cidade, especialmente no Mercado Público, Traíra lembra que o poeta jamais lhe fez qualquer confidência sobre a sua arte poética.

Caldas não era de dar atenção ao vulgo e até criara no papel as diretrizes filosóficas de um utópico Partido Seletivo Nacional, que excluía deliberadamente o voto do analfabeto e distinguia o “voto qualificado” dos intelectuais.

Nascido em 1888, o poeta conheceu os enigmas infaustos de uma existência, permeada de fatos e de circunstâncias. Foi alguém que mergulhou na ausência que habita o âmago das coisas.

Escreveu milhares de versos em sua caligrafia hermética e sibilina, como um forasteiro que não se deixa abater pelo hábito.

Suas ambições estéticas manifestam-se, para além da mera escritura, numa obsessiva e

Toda sua obra começa com uma renúncia à imobilidade e ao conformismo.

Morreu em 1967 sem experimentar os inconvenientes do livro e sem passar pela agonia – uma forma de felicidade que



O poeta João Lins Caldas e o romancista José Geraldo Vieira.

apaixonada forma de apoderamento do mundo.

Desafiou a solidão e a rejeição, como alguém que iluminava qual um relâmpago e detinha os poderes da contingência.

Tirésias, no décimo primeiro canto da Odisséia, promete a Ulisses.

*Franklin Jorge(\*)*

(\*) escritor e jornalista, membro do Comitê de Cultura do Plano Estratégico Natal 2015

**VEREADOR**

**Aluísio  
Machado**

**COMPROMISSO COM A  
E D U C A Ç Ã O**

**INSTITUTO ODONTOLÓGICO DE NATAL**


**PREVENÇÃO - ESTÉTICA E REABILITAÇÃO ORAL-PRÓTESE**

*Drs. Francisco das Chagas Pinheiro  
Maria Valdete Germano Pinheiro  
(Cirurgiões Dentistas)*

**Rua Gonçalves Lêdo, 682 -Cidade Alta -  
TELEFAX:(084) 222-4352 - 222-5080-**



# O sábio do Canto do Totó

 vasto legado intelectual deixado por Tércio Rosado Maia (1892-1960) encerra uma das mais brilhantes inteligências geradas no campo das letras no Rio Grande do Norte.

Nascido no sítio *Canto do Totó*, município de Mossoró, aos 19 de agosto de 1892, Tércio Rosado Maia era filho do farmacêutico Jerônimo Rosado e da senhora Amélia Rosado Maia. Iniciou os primeiros estudos no colégio Santa Luzia, o secundário em Natal. Concluído os preparatórios viajou para Salvador, onde formou-se em Farmácia, no ano de 1910.

Regressando ao Rio Grande do Norte consorciou-se com Rita de Cássia de Miranda, aos 8 de dezembro de 1911, passando a exercer a profissão dirigindo a farmácia do seu pai e, posteriormente, a sua própria botica no município de Martins.

Desiludido com a profissão de farmacêutico retornou a Mossoró no ano de 1913, iniciando uma série de palestras e debates em torno da questão nordestina, defendendo um programa desenvolvimentista com base no cooperativismo.

Dois anos depois, juntamente com o Dr. Felipe Guerra, fundou a *Cooperativa Mossoró - Novo* e a

*Sociedade Defesa do Nordeste* - pioneiras no estudo da região nordestina.

Em 1926, residindo no Recife onde era proprietário de um *Sebo* - compra e venda de livros usados - matriculou-se na Escola de

matriculou-se no curso de Medicina na Faculdade do Recife, mas as obrigações no magistério o impediram de concluí-lo. Seu último curso universitário foi o de Direito, concluído em 1950.

Sua atuação no magistério foi intensa, lecionando inicialmente no Colégio Santa Luzia e na Escola Normal de Mossoró.

No Recife, lecionou em diversos estabelecimentos destacando-se o Ginásio Pernambucano, Escola de Engenharia Industrial, Ateneu Pernambucano, Escola Normal Pinto Júnior, Leão XXIII, Joaquim Nabuco e Faculdade de Farmácia.

Foi membro da Associação de Imprensa de Pernambuco, da Sociedade de Medicina e do Clube da Poesia do Recife e, por último, da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Na sua trajetória como lidador das letras Tércio Rosado Maia confeccionou diversos trabalhos - científicos e literários - dignos de um artesão da

palavra. Mas, sem dúvida, sua vocação poética revelada na composição *Ilusão da Vitória*, do *Poemeto Realista Tuberculose*, extrapola a sensibilidade artística deste *Semeador de Idéias*.

*João Gothardo Dantas Emerenciano*



Odontologia, sendo laureado em 1929. No ano anterior havia prestado concurso defendendo a tese "*Medicamentos de Ação Catalítica*", tornando-se catedrático de Química na Escola de Farmácia.

No início da década de 30,



**HIPOCRATES**  
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)  
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)  
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

● Colégio Hipócrates Zona Sul  
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio  
Alameda das Mansões, s/n - Candelária  
Tel: (084) 206-7729/206-8069

● Colégio e Curso Hipócrates  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"  
Rua Jundiá, 421 a 432 - Fone: (084) 221-4488

● Colégio Hipócrates Ponta Negra  
Ensino Fundamental e Médio  
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do  
Restaurante Tábua de Carne

● Colégio Hipócrates - João Pessoa  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"  
UNIDADE I - EPITÁCIO - Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294  
UNIDADE II - BESSA - Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811

● Colégio Hipócrates - Zona Norte  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"  
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947





## Canto da Ema

### Ilusão da Vitória

Meio dia! Marcou-me o relógio da vida.  
Meu sol, pleno Zenith! E eu me sinto tão forte,  
Que já de ti me esqueço e nem me lembra a morte.

Dentro do meu coração tão alto canta  
A vermelha canção dos meus desejos.  
Há no meu corpo tanta seiva, tanta,  
A deflagrar em ritmos e beijos.

Veias, artérias, vasos capilares,  
Eu tenho neles é metal candente;  
Em labaredas fulvas, singulares,  
Todo o meu ser é uma fornalha ardente.

Na plethora da vida em que se oprime  
Ferve meu sangue a transudar lascívia,  
Numa sede de amor, que não se exprime.

Vivo a sonhar a tentadora e nívea  
nudez de mil mulheres,  
como sensuais, huris, divinas, belas.  
Sonho possuir o amor de todas elas  
e deixá-las cansadas, combalidas,  
de olheiras fundas, rostos macilentos,  
exaustas, inanidas,  
à carícia do fogo do meu beijo.

*Tércio Rosado*

### Alma a dentro

Não creiam ser na vida a morte o que eu mais temo.  
A dor não me intimida, o mal não me apavora.  
Eu só temo no fim é o fim daquela aurora  
Que fez grande Camões e que é o meu bem supremo.

Pela morte eu não tremo e pela vida eu tremo.  
Mas a vida, que é mãe e do pesar senhora,  
O sonho que me deu pesadamente escora  
Com o gosto de querer da glória o sonho extremo.

Esse sonho me doma, esse sonho me arrasta.  
Por ele adoro a vida, esse profundo inferno,  
Por ele odeio a morte, essa miséria casta.

Braços dados com a vida, eu de seguir-lhe o norte.  
Braços dados com a vida, eu de seguí-la eterno  
Com os olhos para a vida e os braços para a morte.

*João Lins Caldas*

### Credo Panteísta

Creio em ti, Natureza, que és meu culto.  
Creio, sem ritos místicos e altares,  
No resplendor pleorâmico dos mares,  
Onde assoma a grandeza do teu vulto.

Creio na tua força, e pasmo, e exulto,  
Vendo, através de lentos avatares,  
A gradação das formas singulares,  
Até à maravilha do homem culto.

Creio em tuas florestas, nos teus montes,  
Na poesia dos rios e das fontes,  
Na beleza da terra re florida.

Creio nas lindas noites estreladas,  
No refulgir das brancas alvoradas,  
Na sinfonia universal da vida.

*Esmeraldo Siqueira - 1941*

**Seja inteligente,  
Seja Intelecto!**

**INTELECTO**  
Colégio e Curso

*Um investimento de qualidade*

Rua Adauto Aurélio da Fonseca, 183 - Conj. Montebello  
Natal/RN - Fone: 217-9699



**-UNBEC-**

**COLÉGIO MARISTA DE NATAL**

*100 Anos de tradição*

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -  
130- fone: (084) 211-5505 - Fax:(084)212-1216-  
<http://www.natal-marista.com.br-natep>  
[@natal-marista.com.br](mailto:@natal-marista.com.br)



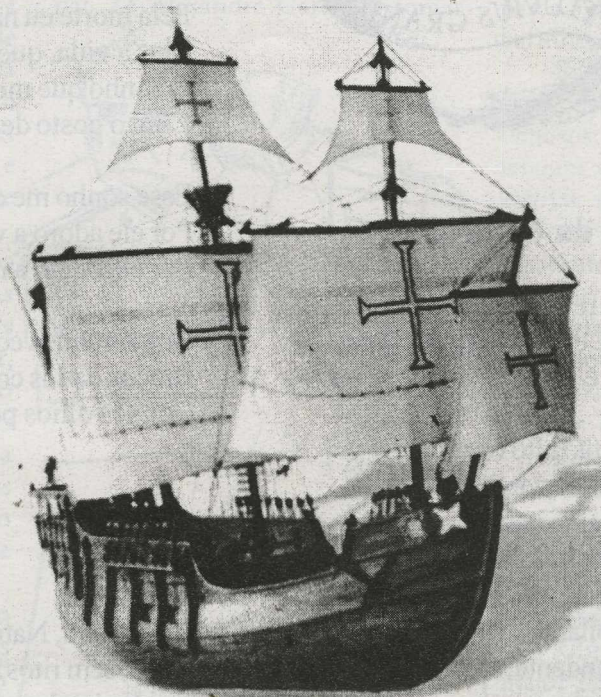
# O descobrimento do Brasil: Realidade e Fantasia

São apenas três os documentos epistolares conhecidos que tratam da chegada de Pedro Álvares Cabral à terra brasileira, cujos autores foram testemunhas oculares do evento: a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, de 1ª de maio de 1500, dirigida ao rei D. Manuel, o Venturoso; a carta da mesma data, endereçada ao referido rei, de autoria do *Mestre João*, físico e cosmógrafo da esquadra cabralina; e a *Relação do Piloto Anônimo*, redigida por um dos membros da tripulação, que descreve toda a viagem daquela armada desde a saída de Lisboa até a volta ao Tejo.

O original da Carta de Pero Vaz de Caminha, que viajava com destino a Calicute, foi descoberto em 1773, por Seabra da Silva, na Torre do Tombo. A referida Carta nos fornece informações seguríssimas sobre a localização geográfica da costa percorrida e visitada pelo Capitão-mor Pedro Álvares Cabral, ocorrência que se verificou na Bahia.<sup>1</sup>

No dia 21 de abril de 1500, 3ª feira, foram avistados os primeiros sinais de terra. No dia seguinte, pela tardinha, horas de vésperas (entre 15h e o anoitecer), foi divisado um monte "mui alto e redondo", ao sul do qual viam-se outras serras mais baixas. O Capitão-mor batizou o monte (cuja altitude atinge 536m) de Monte Pascoal. À terra, Cabral denominou de Terra de Vera Cruz. Aquelas serras, ao sul do Monte Pascoal, correspondem atualmente às elevações de Itamaraju, a trinta quilômetros do referido monte. No outro dia, 23, a esquadra ancorou bem defronte à foz de um rio, identificado como sendo o Rio do Frade, topônimo já mencionado em 1587.

Em 24 de abril, 6ª feira, pela manhã, os doze navios e os mil e quinhentos homens comandados por Cabral, foram "ao longo da costa, com os batéis e esquifes amarrados pela popa, contra o norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso onde ficassemos, para tomar água e lenha". "E sendo nós pela costa obra de dez



léguas donde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos um arrecife com um porto dentro, muito bom e seguro, com uma mui larga entrada, e meteram-se dentro e amainaram, e as naus arribaram sobre eles; e um pouco antes do sol-posto amainaram, obra de uma légua do arrecife, e ancoraram em onze braças".

Continua a descrição de Pero Vaz de Caminha: "Entraram todas as naus dentro; e ancoraram em cinco ou seis braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formosa e tão segura que pode estar dentro dela mais de duzentos navios e naus". Tal fato sucedeu a 25 de abril, sábado. O local corresponde à parte meridional da chamada Baía Cabralia, a enseada da Coroa Vermelha, em forma de concha, onde deságua um rio, antigamente conhecido como Rio de Brasil (1502), Rio de Santa Cruz (1587) e Rio Doce (1616), atualmente chamado de Rio Mutari, que forneceu água abundante à esquadra.

No dia seguinte, 26 de abril, domingo da pascoela, em um ilhéu grande, hoje denominado de Ilhéu da Coroa Vermelha, naquela mesma enseada da Coroa Vermelha, na costa da Bahia, ocorreu a celebração de uma missa.

A 27, 2ª feira, o Mestre João de Faras, da Galícia, utilizando-se de um

astrolábio e ajudado pelos pilotos do Capitão-mor e de Sancho de Tovar, respectivamente, Afonso Lopes e Pero Escolar, determinou, em terra firme, a latitude daquele Porto Seguro. Encontraram 17 graus de latitude sul, muito aproximada da medição atualmente determinada: 16ª20'. A latitude foi tomada em terra a altura do sol ao meio dia. Em 1ª de maio, Mestre João escreveu ao rei D. Manuel, o Venturoso, dando conta de sua atuação.<sup>2</sup>

Uma segunda missa foi celebrada, no continente, sobre um altar armado ao pé da cruz mandada chantar por Pedro Álvares Cabral, no dia 1ª de maio, à margem esquerda do atual rio Mutari, cerca de 300 metros (dois tiros de besta) além da embocadura.

Descrevendo a extensão da terra encontrada, Vaz de Caminha assim informou: "Esta terra, senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta, que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa". Aquela ponta divisada ao sul é a atual Ponta Corumbaú, que já foi conhecida como Cururumbabo (1587). A outra ponta, ao norte, é a ponta de Santo Antônio. Distam cerca de 120 Km, entre as duas extremidades.

Finalmente, no dia 2 de maio, a esquadra comandada pelo Capitão-mor Pedro Álvares Cabral prosseguiu sua viagem para as Índias, que era o seu local de destino. Saindo do Porto Seguro, Cabral ainda percorreu cerca de 1.000 Km em mares brasileiros, infletindo o seu itinerário rumo às Índias, à altura do atual Cabo Frio, no Rio de Janeiro. A viagem de Cabral consta da chamada *Relação do Piloto Anônimo*.<sup>3</sup>

Entre os anos de 1503-1504, foi



elaborada uma carta geográfica conhecida como a Carta de Kunstmann II, reproduzida no Atlas de Kunstmann, pertencente à Biblioteca Nacional de Munique, Alemanha.

Interessando diretamente aos episódios relacionados com a chegada de Cabral à Bahia, encontram-se na referida Carta os seguintes topônimos, todos eles pertencentes à geografia baiana: Porto Seguro, Barreiras Vermelhas, Rio de Brasil (rio de Santa Cruz, 1587; rio Doce, 1616; hoje rio Mutari), Barosa (terras barrosas) e MONTE PASCOAL.

Os primeiros autores que se ocuparam do registro de fatos relacionados com a história pátria, também nos dão conta do local onde chegou a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral. Assim, Pero de Magalhães Gandavo, em sua *História da Província Santa Cruz*, obra impressa em 1576, ao tratar da Capitania do Porto Seguro, nos dá notícia do porto, “onde entrou a frota quando esta Província se descobriu. E porque então lhe foi posto este nome de Porto Seguro, como atrás deixo declarado, ficou daí a Capitania com o mesmo nome: e por isso se diz Porto Seguro.”<sup>4</sup>

Na “*Informação da Missão do Padre Cristovão Gouveia às Partes do Brasil - Ano de 1583*”, faz-se referência à “vila Santa Cruz, que foi o primeiro porto que tomou Pedro Álvares Cabral no ano de mil e quinhentos, indo para a Índia; e por ser bom o porto, lhe chamou Porto Seguro.”<sup>5</sup>

Gabriel Soares de Souza, em seu *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, também nos dá notícia da vila de Santa Cruz, erguida no mesmo Porto Seguro, local onde aportou a esquadra cabralina: “Neste Porto de Santa Cruz esteve Pedro Álvares Cabral, quando ia para a Índia, e descobriu esta terra e aqui tomou posse dela, onde esteve a vila de Santa Cruz.”<sup>6</sup>

O problema da exata localização dos pontos histórico-geográficos visitados pela esquadra cabralina foi objeto de interesse por parte das autoridades governamentais, à época do presidente Vargas.

Em 1940 o Governo Federal designou uma Comissão de Estudos e Pesquisas, da qual fizeram parte quatro membros: um representante do Ministério da Guerra, Cel. Leopoldo Nery da Fonseca; um representante do Ministério da Marinha, Comandante Luís Alves de Oliveira Belo; um

representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Engenheiro Cristovão Leite de Castro, e um representante da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, Capitão-de-Fragata Antônio Alves da Câmara. A finalidade da Comissão seria a de realizar estudos, para determinar o local preciso onde fundeou a esquadra trazida pelo Capitão-mor Pedro Álvares Cabral.

A Comissão utilizou-se do navio hidrográfico da Marinha de Guerra *Rio Branco*, cujo comandante era o Capitão-de-Corveta Alberto Carvalhal, confirmando-se em tudo as informações, secularmente aceitas, escritas por Pero Vaz de Caminha e por Mestre João!<sup>7</sup>



O Autor LENINE PINTO, em seu controvertido livro *REINVENÇÃO DO DESCOBRIMENTO*,<sup>8</sup> defende ferrenhamente a hipótese de que o litoral norte-rio-grandense foi o “ponto de desembarque de Pedro Álvares Cabral”... O referido trabalho foi fruto de cinco anos de pesquisas por parte do autor!

Segundo Lenine Pinto, o Monte Pascoal seria o Pico do Cabugi, no município de Lages-(RN); o Porto Seguro corresponderia à nossa praia dos Marcos, no atual município de São Miguel do Gostoso, litoral setentrional do Rio Grande do Norte; o chamado Marco de Touros, chantado pela expedição de 1501, na qual vinha o italiano Américo Vespúcio, transformase pelas deduções de Lenine Pinto em um hipotético padrão de pedra, chantado por Pedro Álvares Cabral; a ilhota de Coroa Vermelha, na Bahia, converteu-se em uma das duas ilhas: de Punaú ou Pisa Sal, “à cavaleiro da praia dos marcos”. Sobre o Mestre João, Lenine Pinto descreve-o como “um personagem

bizarro”, lançando dúvidas sobre a sua competência profissional...



Finalizando esta retrospectiva histórico-geográfica, lamentamos que o novo livro de Lenine Pinto não convença em seus argumentos. **Primeiramente**, o litoral percorrido por Cabral desde o surgimento do Monte Pascoal, dez léguas até o Porto Seguro, corria no sentido Sul-Norte, e não Leste-Oeste, como é o caso do litoral setentrional do Rio Grande do Norte.

**Segundo**: o Pico do Cabugi somente pode ser visto do mar, no trecho do litoral entre Caiçara e Ponta do Tubarão. Portanto, Cabral teria avistado o referido pico, em um litoral orientado no sentido Leste-Oeste. **Terceiro**: do local do avistamento do Cabugi, se a esquadra tivesse seguido para o Norte (dez léguas), estaria se afastando da terra, penetrando cada vez mais no oceano. **Quarto**: Lenine confunde seguidamente o local do avistamento do Monte Pascoal, com o outro local de desembarque, o Porto Seguro. **Quinto**: Não existe nenhuma ilha defronte à praia dos Marcos, que possa ser confundida com a ilhota onde foi celebrada a primeira missa. **Sexto**: o território norte-rio-grandense não fica atingido por aquela latitude de 17°, determinada por Mestre João, em cuja medição foi ele auxiliado pelos pilotos das naus de Cabral e de Sancho de Tovar.

A Bahia foi o cenário da chegada da esquadra cabralina, não tendo tido o Rio Grande do Norte a menor participação naqueles memoráveis acontecimentos históricos...

Olavo de Medeiros Filho

- (1) CORTESÃO, Jaime. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*;
- (2) A CARTA DE MESTRE JOÃO, p. 342;
- (3) MARCONDES DE SOUZA, T. O. *O Descobrimento do Brasil (2ª ed.)*, pp. 303-327;
- (4) MAGALHÃES GANDAVO, Pero de. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*, p. 89;
- (5) CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, p. 148;
- (6) SOARES DE SOUZA, Gabriel. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, p. 82.
- (7) COSTA DÓRIA, José da. *Real História do Descobrimento do Brasil*.
- (8) PINTO, Lenine. *Reinvenção do Descobrimento*, pp. 15, 116, 120, 121, 123, 125, 126, 130, 132, 137, 141, 148, 156, 175, 176, 177, 209.



# A Ribeira



Ribeira que eu conheci na infância não é a Ribeira de hoje, esquecida da população e dos governantes. Era uma Ribeira ativa onde o cais da Tavares de Lyra tinha vida e albergava misteriosas caravelas vindas de não sei onde e que faziam povoar de piratas e aventuras minha imaginação de menino.

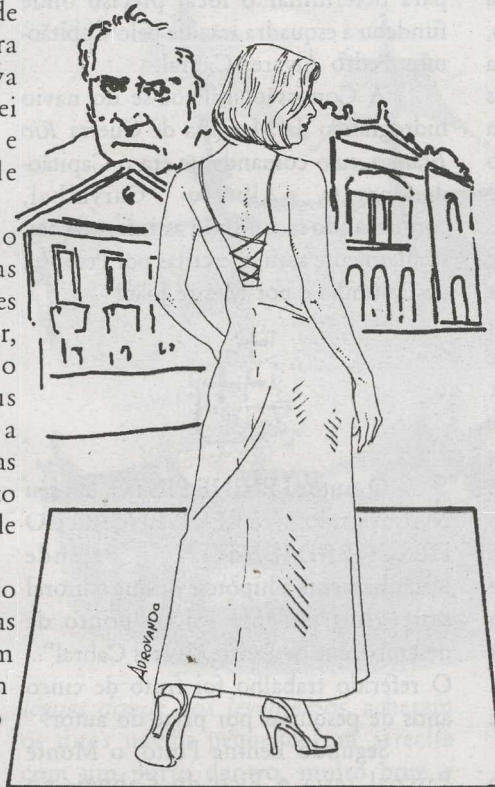
Era a Ribeira do porto movimentado, quando as estradas ainda não tinham rasgado os interiores e todo o transporte era feito por mar, necessitando dos trabalhos do despachante aduaneiro, com seus escritórios movimentados e gente a conversar sobre tipos e acontecimentos quase que só da cidade, já que o resto do mundo era distante e, portanto, de pouco interesse.

Era a Ribeira do casarão do maestro Alcides Cicco a abrigar araras de coloridos especiais e um sem números de passarinhos, que o atraíam a uma conversa com o meu avô despachante, José Alexandre, também ele um amante de canários belgas, pintassilgos, galos-de-campina e curiós, com seus cantos dobrados e de sonoridade sem igual.

Ribeira do Teatro Alberto Maranhão onde reinava, vitaliciamente, o circunspecto senhor teatrólogo Meira Pires, a contar vantagens sobre suas peças que nunca vi encenadas, mas que enchiam de curiosidade a minha imaginação.

Do casarão de Cascudo, que nunca ousei adentrar devido ao respeito à figura que costumava ver às tardinhas em conversas amenas na velha Confeitaria Delícia do português

Olívio Domingues da Silva, com sua perna dura e a sua alma imensa a distribuir sonhos de valsa e torrões que, claro, iam para a conta do meu pai, Zé Alexandre Garcia, a tomar



umas no reservado com Newton Navarro, Dozinho, Mozart Silva e tantos outros boêmios que povoavam com humor e sabedoria o centenário bairro.

Como esquecer um Zé Areia, aquela figura que chegava e que atraía a atenção de todos com os seus repentes geniais a responder provocações propositais? Impossível. A Ribeira não era só bairro, era vida e tipos que moviam a cidade, faziam-na humana e inteligente, conhecedora do mundo, via boca da barra do

Potengi, cenário de memoráveis regatas bravamente disputadas entre remadores dos clubes náuticos da rua Chile. Ribeira das companhias de pesca e da Estação Ferroviária, lenta, barulhenta e misteriosa.

Ribeira de jornalistas e de jornais, de prostitutas e prostíbulos famosos, que nunca adentrei mas que atraíam a minha curiosidade em suas janelas nem sempre escancaradas. Ribeira do nojo do Beco da Quarentena. Do mundo invadindo calçadas. Das peixadas. Dos salões de barbearia onde de tudo se conversa. Dos salões de jogos. Dos engraxates e sapateiros a céu aberto, em suas cadeiras imensas para mim, garoto.

Ribeira nostálgica do quiosque e da pontezinha do jardim chinês que quase a memória esqueceu, destruído que foi pela construção da nova rodoviária que, parece, levou-o para nunca mais voltar.

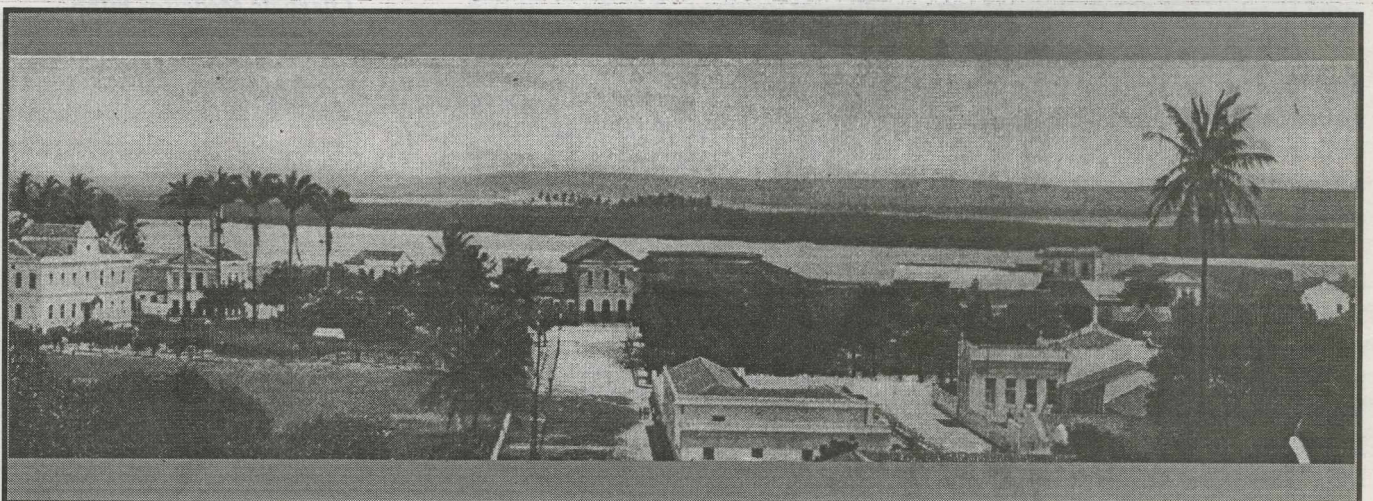
Ribeira do Grande Hotel e do major Theodorico, homem lendário, a *pastorar* diariamente a praça da igreja do Bom Jesus das Dores, a abrigar ossos dos Amorim Garcia, lacrados em urnas em suas paredes já centenárias. Ribeira inesquecível de "A República", da Capitania dos Portos e da vacina contra a febre amarela, terror dos viajantes. Ribeira de Luís Tavares e de suas histórias de brigas com gringos e policiais dos idos da guerra.

Ribeira sem dúvida inesquecível. Poeticamente mágica e deliciosa, professora de gerações.

Ribeira bancária, alfandegária, comerciária, gráfica.

Ribeira Cartorial.

**Eduardo Alexandre**





# Santos Reis

O bairro de Santos Reis, constitui um dos núcleos originais da fundação da cidade. A sua denominação é uma homenagem aos Santos Padroeiros Gaspar, Belchior e Baltazar, cujas as imagens foram doadas por El Rei Dom José I para a capela da Fortaleza dos Reis Magos.

Em 27 de novembro de 1910, foi inaugurada uma capelinha a 300 (trezentos) metros do mar, para ali abrigar os Santos Reis. Em virtude

da constante ameaça do mar, outra capela foi construída e hoje é a atual Matriz dos Santos Reis. Desde 1937 a comunidade realiza a festa anual de seus padroeiros, no período de 28 de dezembro à 06 de janeiro. Na praça Prefeito Wilson Miranda, ocorre a parte profana com barracas, parque de diversões, jogos e apresentação folclórica.

Em seus domínios situa-se a Praia do Forte, bem como a histórica fortaleza dos Reis Magos, marco da

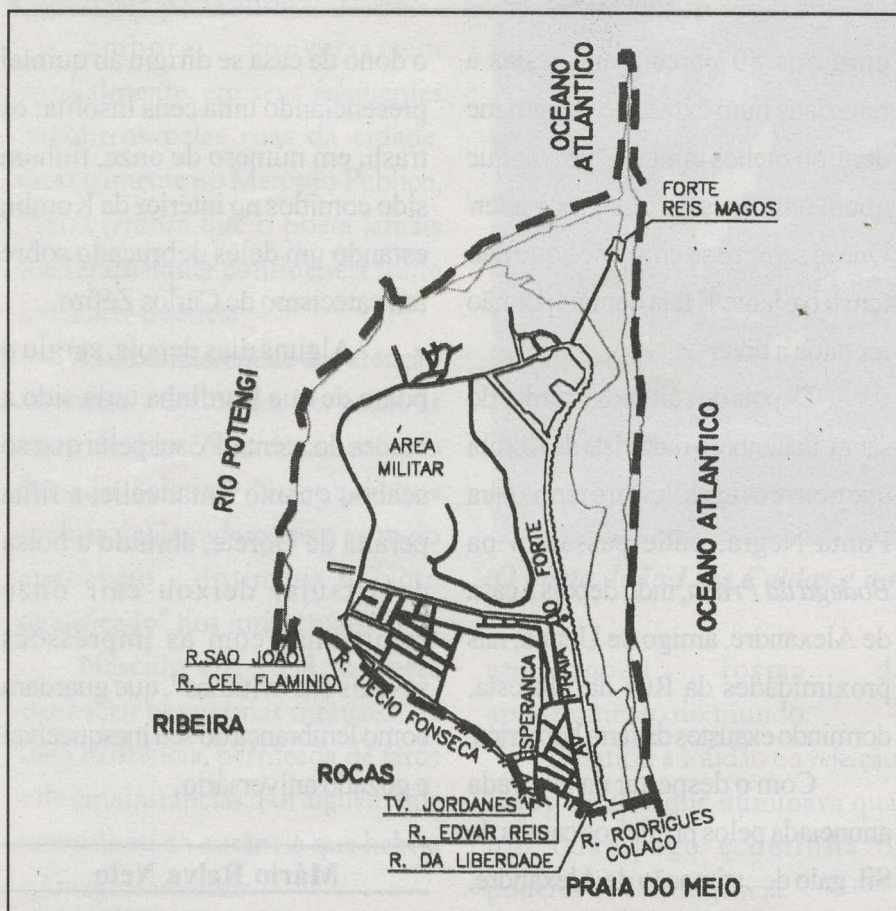
colonização portuguesa. Próximo a ele, no Circulo Militar, ficaram alojadas as tropas de Mascarenhas Homem em 1597, formando uma aglomeração ou arraial, dedicado às obras da fortaleza.

Na área do atual bairro foram construídos nos anos 40, tanques de combustível para abastecer aviões de combate, durante a II Grande Guerra. No início da década de 50 o Governador do Estado, Sylvio Pedrosa e o Prefeito Wilson Miranda fizeram doação de terrenos para construção de casas em alvenaria. A expansão do lugar, contudo, só se verificou na administração do prefeito Djalma Maranhão. Nessa época, houve a liberação para construir nos terrenos situados no lado par da Rua João Carlos de Sousa, que antes era proibido.

Na década de 60 o crescimento populacional da área fez surgir as favelas de Brasília Teimosa e do Vietnã.

Embora seja um dos mais antigos da cidade, a sua oficialização como bairro se deu na administração do Prefeito Sylvio Pedrosa, através da Lei nº 251/47, de 30 de setembro de 1947, teve seus limites redefinidos na Lei nº 4.330 de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.

*Paulo Venturele de Paiva Castro*



**“Natal tem futuro e resistência para mais 500 anos de História do Brasil”.  
EMILSON MEDEIROS, o vereador da gente.**



# O gozo na Kombi Trash

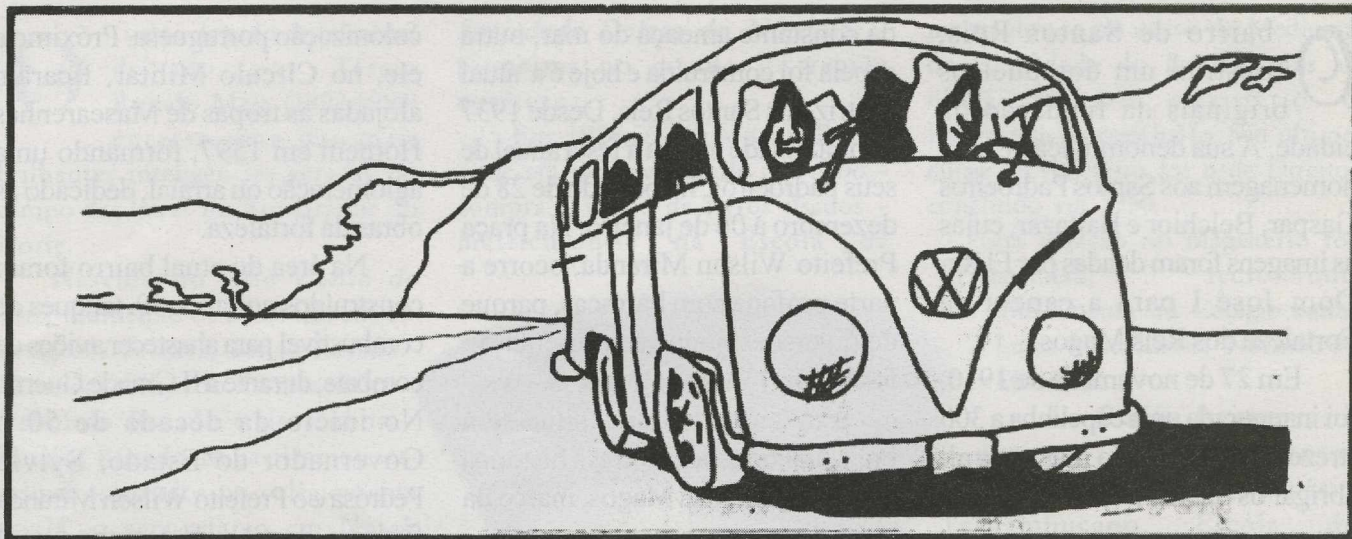



Ilustração: Marcelus Bob

 festa na casa de Lurdinha, no bairro do Alecrim, estava animada e o vídeo clipe de Renato Russo deixava nos presentes a expectativa de “Quem me dera ao menos uma vez/Como a mais bela tribo, dos mais belos índios/ Não ser atacado por ser inocente”.

Úrsula, aniversariante do dia, viera acompanhada de Zolda e Gorete que observava, com interesse, um grupo de imberbes trash vindo do *Bar das Bandeiras*, onde ocorrera o lançamento do zine *Bichiga Taboca*, homenageando *Zé Areia*, o comilão da Ribeira.

O embalo patrocinado pelo

guru dos 80 parecia anestesiá-la a rapaziada num êxtase de “Quem me dera, ao menos uma vez/Provar que quem tem mais do que precisa ter/ Quase sempre se convence que não tem o bastante/E fala demais por não ter nada a dizer”.

Depois dos últimos acordes do sarau, Paulinho, o motorista da Kombi que trouxe os trash, levou a turma para Ponta Negra, onde passaram na *Bodega da Praça*, indo depois à casa de Alexandre, amigo de Úrsula, nas proximidades da Rua da Floresta, dormindo exaustos da farra homérica.

Com o despertar da alvorada anunciada pelos primeiros cantos de Sil, galo de estimação de Alexandre,

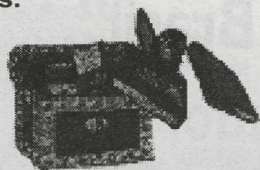
o dono da casa se dirigiu ao quintal presenciando uma cena insólita: os trash, em número de onze, tinham sido comidos no interior da Kombi, estando um deles debruçado sobre um catecismo de Carlos Zéfiro.

Alguns dias depois, surgiu o boato de que Lurdinha teria sido a autora do atentado, suspeita que só acabou quanto Emanuelle, a filha peralta de Gorete, abrindo a bolsa de Úrsula, deixou cair onze camisinhas com as impressões sexuais das “vítimas”, que guardara como lembrança do seu inesquecível e gozado aniversário.

Mário Relva Neto

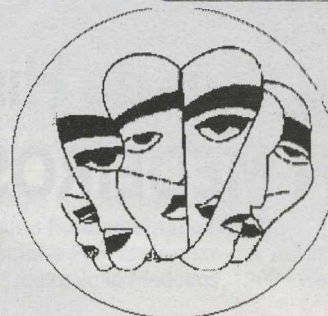
## SEBO CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, vídeos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,  
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

## Sebo Espaço 104



Vende-Compra-  
Troca de Cd's - Livros-  
Revistas

Rua Vigário Bartolomeu,  
nº 594, Sala 108 ED. Ouro  
Center - Centro- Natal/RN  
Fone: 221-3717/987-8551



## A evolução dos ritmos

No início da década de trinta a nossa música popular urbana sofria a influência do cinema falado, da gravação elétrica e, principalmente, do rádio. Três acontecimentos simultâneos que marcaram os anos vinte e deram um novo sentido à evolução dos nossos ritmos.

O maxixe cedia lugar ao samba, diversificado em samba-canção, samba-choro, samba de breque, samba carnavalesco e samba de "meio de ano". A modinha transferiu-se para a canção dolente, a valsa-canção, a valsa cantada. A marcha carnavalesca despontava com o seu contingente melódico deixando, letra e música, aos foliões o poder evocativo, a permanência de velhos carnavais na lembrança. O antigo choro passou a receber letra, sendo prestigiado nessa nova configuração.

Outros ritmos populares poderiam ser citados, entre eles o batuque, a embolada, o fox-canção, o frevo pernambucano, este último ainda permanente nos carnavais nordestinos.

Este cenário, que teve como característica fundamental a valorização da voz por conta dos cantores de rádio, persistiu por uns vinte anos. Lá para o final da 2ª Guerra a invasão dos ritmos latino-americanos, sobretudo o bolero, fez com que despontasse entre nós um novo gênero musical, o baião. Tinha-se em conta que a inspiração do passado parecia entrar em processo de exaustão. O novo ritmo - o baião - foi talvez, em termos de sucesso popular, o único a se contrapor à sedução dos boleros,

intensamente decantados na linguagem nativa ou nas versões brasileiras.

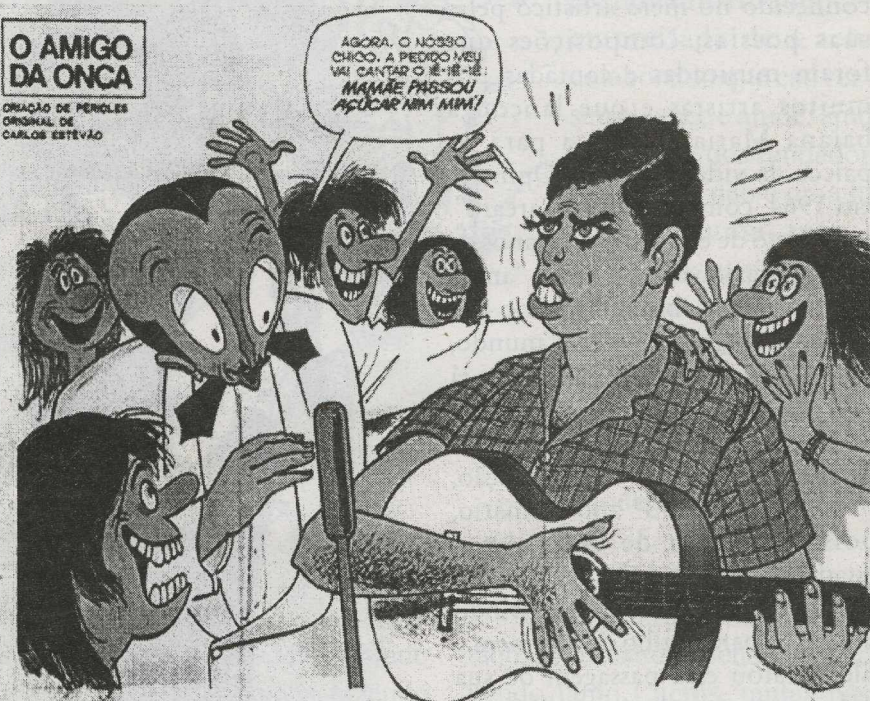
Ao mesmo tempo, o ritmo do nosso samba tradicional iniciava um aparente processo de transformação, inicialmente com o "samba-blue" do cantor Dick Farney e, em seguida, com a voz entrecortada de algumas intérpretes. Seria certamente o prenúncio do movimento bossa-nova que, então, se firmou no final dos anos

"tropicalista" ao lado de festivais onde eram apresentadas músicas ditas "de protesto" ao lado de temas variados onde sobressaíam as inovações do ritmo e o requinte das letras.

Nos dias de hoje, considerando que tem arrefecido um certo movimento de retorno dito nostálgico, podem ser citados como remanescentes dos antigos gêneros o samba enredo dos blocos carnavalescos e a marchinha de ontem na voz de novos cantores.

**O AMIGO DA ONÇA**

ORAÇÃO DE PERILOS ORIGINAL DE CARLOS ESTEVÃO



cinquenta.

O ritmo bossa-nova teve duração efêmera ao que se sabe pela pouca penetração popular em virtude de ser considerado "música de apartamento" apropriado ao confinamento de boates. A ele seguiu-se o chamado movimento

Quanto ao mais vemos, ao lado da música romântica em outro estilo, o ritmo ocidentalizado que envolve a juventude, onde a melodia e a própria voz se perdem ante a incidência dominante do efeito visual.

*Grácio Barbalho*

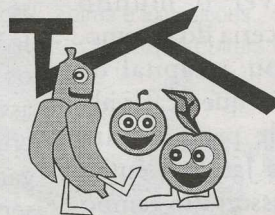
### CASA DO PEIXE LTDA

**Camarão, Peixe, Lagosta,  
Carne de Caranguejo,  
Marisco, Ostra e Etc.**

**Ney Aranha Marinho Júnior**  
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN  
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

### A Ki - Tanda



**A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES**

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612



# JOÃO DO VALE

## Nem antigo nem moderno, Eterno



á o dissera Carlos Drummond: "Poesia é a arte de dar ritmo as palavras."

Corroborando esta frase, a 11 de outubro de 1933 nasceu, lá em Pedreiras - MA, o menino João Batista do Vale, que se tornaria conhecido no meio artístico pelas suas poesias; composições que foram musicadas e cantadas por muitos artistas e que lançou a baiana Maria Bethânia para os palcos da vida, no Show Opinião, em 1964, com a música "Carcará".

Neto de escravos, aos 8 anos de idade já fazia versos e era o "amo" do Bumba-meu-boi. O menino que só pensava em conhecer o mundo, cidades grandes, aos 12 anos já morava em São Luís e comprava frutas na feira para vender nas ruas da cidade. Devido a discriminação, só estudou até o 3º ano Primário, pois a chegada de um coletor estadual a sua cidade foi responsável pela sua retirada da escola, abrindo uma vaga para o filho do "homem". Ele retratou essa passagem de sua vida no poema/música "Minha História", o que mostra a face dos "excluídos", do Nordeste e do Brasil. Teve várias profissões: Vendedor, trabalhador braçal, ajudante de caminhão, garimpeiro, servente de pedreiro, ator - no filme "Mão Sangrenta" de Carlos Hugo Cristhensen, em 1954 - e, a principal, compositor.

Como ajudante de caminhão conheceu as capitais, Teresina, Fortaleza e Salvador, além de se deslumbrar ao ver o mundo passando, da carroceria do mesmo. No dia que chegou a capital da Bahia disse ao patrão que ficaria ali, seria seu ponto de partida para conhecer o Rio de Janeiro, então Capital Federal; passou um tempo em Minas Gerais, trabalhando no garimpo, e, finalmente, aportou no Rio, onde foi trabalhar na construção civil, morando na obra

pois o que ganhava era pouco. A noite ia para as portas das Rádios, ver se encontrava alguns dos seus ídolos, Luiz Gonzaga já era famoso artista de discos e shows, para mostrar as suas composições; um dia encontrou Zé Gonzaga, que não

gravaram suas músicas: Luís Vieira, Dolores Duran, Marinês e Luiz Gonzaga. Com este último fez parceria, destacando-se, entre outras, as músicas "Sertanejo do Norte", "De Teresina a São Luís", "Pra Onde Tu Vai, Baião?" e "Fogo no Paraná". Devido serem filiados a gravadoras diferentes, o nome de Gonzaga foi substituído pelo de sua esposa Helena, porém ele as interpretava.

Muitas composições suas ficaram conhecidas como sendo do intérprete, o que no Brasil é corriqueiro, como foi o caso de "Peça na Pimenta" e "Pisa na Fulô", com Jackson do Pandeiro; "Coroné Antônio Bento", com Tim Maia; "Uricurí" com Nara Leão e "Carcará" com Maria Bethânia.

João do Vale fez shows por todo o Brasil, a partir de 1964 com o "Opinião", juntamente com Nara Leão e Zé Kéti, apresentando-se em teatros, campus universitários, clubes, fazendas e carrocerias de caminhão, além de se apresentar em Nashville (Tennessee-USA).

Em toda a sua vida gravou apenas 2 LPs: Um em 1965, que lhe trouxe problemas com a censura, e outro em 1981, em parceria com os novos nomes da MPB (Zé Ramalho, Alceu Valença, Amelinha, Fagner, Clara Nunes, Chico Buarque e Gonzaguinha).

Casado com dona Domingas Rodrigues, desde 1959, morava em Rosa dos Ventos-RJ, até voltar a morar em Pedreiras, no mesmo sítio que nasceu, cresceu e deu os primeiros passos para o mundo.

Quinta-feira, 5 de dezembro, à meia-noite e meia, no Jornal da Globo a apresentadora diz: "Veja a seguir: Cantador do Nordeste vive na miséria!"; e mostrou João no leito de um hospital, em São Luís do Maranhão, tentando se recuperar de um segundo derrame cerebral.

Sexta-feira, 06 de dezembro de



deu muita importância ao seu trabalho porém gravou uma música sua, e Luís Vieira, que foi o responsável pela gravação de "Estrela Miúda" por Marlene, e este se tornaria o primeiro sucesso de João do Vale, em 1951. Ao ir receber os direitos autorais, já em 52, assombrou-se com a quantia de 200 cruzeiros, para ele uma fortuna pois ganhava 5 cruzeiros mensais como servente. Não teve dúvidas, largou o serviço e foi ser compositor.

"Eu não posso parar. A única coisa que sei fazer é compor".

Então, outros cantores



1996, no Jornal da Manchete, às 21 horas: "Morre João do Vale, um dos maiores letristas do Brasil!!!"

Usando as palavras acima digo:

"Caiu de pé o terceiro pilar da MPN e foi, agora, compor suas músicas para Gonzagão e Jackson do Pandeiro apresentarem no Show da Corte Celestial. Deus te abençoe, Poeta do Povo!!!

### Principais parcerias e sucessos

**MINHA HISTÓRIA** (J.V./Raimundo Evangelista) - É a própria vida de João, ou da maioria dos chamados "excluídos" deste Nordeste e do Brasil.

**CARCARÁ** (J.V./José Cândido) - Lançou Maria Bethânia para o sucesso e o reconhecimento nacional.

Antes dela chegar, para substituir Nara, Zé Kéti e João ficaram imaginando de como seria ela:

ZK - "É da terra de Marta Rocha, deve ser um pedaço!" Ao vê-la comentou: - Essa menina tem que cantar e é muito!!!

J.V. - Na sua primeira apresentação, ao cantar "Carcará", a platéia vibrou. Foi de arrepiar!!!

**ESTRELA MIÚDA** (J.V./Luís Vieira) - Foi o seu primeiro sucesso, na voz de Marlene e, depois com Amelinha.

**PISA NA FULÔ** (J.V./Silveira Jr./Ernesto Pires) - Sucesso na voz de Ivon Cury e de Alceu Valença.

Numa Fazenda, no interior de São Paulo, a festa patrocinada pelo dono que, após uns 15 minutos, interpelou o seu empresário:

"- Me diga uma coisa. Esse Nego só sabe cantar Pisa na Fulô?"

Ele passou a cantar "Sina de Caboclo", uma parceria sua com J.B. de Aquino:

"Eu sou um pobre caboclo  
Ganho a vida na enxada  
O qu' eu colho é dividido  
Com quem não plantô nada.

Se assim continuá  
Vou deixá o meu Sertão  
Mesmo os olhos cheio d'água  
E com dor no coração.

Vou pro Rio carregá massa  
Pros Pedreiro em construção  
Deus até tá ajudando  
Tá chovendo no Sertão.  
Mas plantá pra dividi  
Num faço mais isso não!!"

E o latifundiário de pronto, falou: "- Diga a esse Nêgo que pode continuar pisando na fulô!!"

**NA ASA DO VENTO** (J.V./Luís Vieira) - Gravada por Luís Vieira.

**FOGO NO PARANÁ** (J.V./Helena Gonzaga) - É de 1964, Gonzagão e Gonzaguinha chegaram a gravá-la, separadamente.

A influência de Luiz Gonzaga, somada à vivência nordestina que o fez protestar através da poesia e da música, levou-o a compor com o "Rei do Baião". Sendo destaques dessa parceria as músicas:

Sertanejo do Norte - 1959.

De Teresina a São Luís - 1962.

Pra onde tu vai, Baião? - 1963.

**PEBA NA PIMENTA** (J.V./João Batista/Adelino Rivera) - É uma das suas músicas mais conhecidas, canção maliciosa, cheia

de duplo sentido que revelou em João do Vale o intérprete de qualidade, bem à vontade nos ritmos populares. Gravada por Marinês e, depois, Ivon Cury.

**CORONÉ ANTÔNIO BENTO** (João do Vale) - É outra das incursões dele por gêneros tipicamente rurais, gravada por Luís Vanderlei em 1956. Depois Tim Maia gravou, incluindo instrumentos eletrônicos, visando o gosto do público jovem dos grandes centros urbanos.

**O CANTO DA EMA** (J.V./Aires Viana/Alventino Câmara) - Sempre ligado a compositores nordestinos, João apareceu, nessa música, ao lado de dois criadores/cantadores de Coco, de grande sucesso na década de 50. É uma mistura de folclórico com algo do estilo urbano. Ficou conhecida na voz de Jackson do Pandeiro.

**URICURÍ** (J.V./José Cândido) - A parceria desses dois é responsável por várias composições de peso, dentre elas Carcará e Uricurí (espécie de palmeira do NE). A letra mostra as experiências que o homem sertanejo tem e que passa de pai pra filhos, de geração pra geração. Sucesso na voz de Clara Nunes.

**PÉ DO LAJÊRO** (J.V./José Cândido/Paulo Bangu) - Inicialmente foi gravada como um Rojão, que é uma espécie de Baião de ritmo mais acelerado, posteriormente foi gravada como Coco. Gravada por João do Vale e Tom Jobim. A cantora maranhense Rita Ribeiro gravou-a com um arranjo novo.

*Kydelmir Dantas*

## A Capitania de Todas as Artes



Av. Câmara Cascudo, 434, Ribeira - 59.025-280 - (84) 211.6713/Fax. 222.5420 - Natal/RN



Ateliê de Artes Plásticas



Biblioteca Municipal



Banda Sinfônica do Município



Ballet Municipal



Lojinha do Artista



Galerias de Arte



Teatro Sandoval Wanderley

Atividades Culturais Diversas

Cursos: Vídeo/História da Arte/Desenho/Pintura/Dança



# Potiguarina

Onde o diabo fez a curva,  
Deu o nó na chuva  
Em todo o litoral;

Diga se valeu a pena,  
Velha Quarentena  
A Base Espacial...

Lembra, Lady Madalena,  
Se tal cibalena  
Alivia o mal,

Emenda pior que o soneto  
É arrumar um jeito  
Nesse areal.

Cansado de subir o morro,  
Se não mato, corro  
E bye-bye Natal...

Na lona pegando carona,  
Filho da Intentona  
Lendo o Capital;

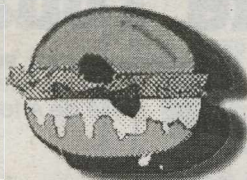
No porto tem um peixe morto,  
Tem um olho torto,  
Para o pessoal.

E o ponto alguém bata por mim  
Lá em Parnamirim  
No pólo industrial

E os camelôs do Alecrim  
Que façam por mim  
O comercial!

*Graco Legião*

**No seu caminho  
sempre tem**



**OSANDWICH**

**DISK  
SANDWICH**

**236-2667  
202-2109**

Segunda abre de 16:00 até 1:00h  
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h  
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00 da manhã  
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14  
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis  
Estrada de Ponta Negra, 9090  
Via Direta Outlet Shopping - Loja J4